

# O OLHO

## O anniversario da imprensa

Sem uma commémoração, sem uma homenagem por mais singela que seja, passa hoje o 85º anniversario da Imprensa Catharinense.

Não se comprehende como os homens de imprensa desta Capital deixem passar no mais condonavel olvido uma data que devia ser bastante grata a todos quantos se dedicam á labuta quotidiana de fazer jornal.

Parce que os jornalistas e os intelectuaes de Florianopolis consideram de minima importancia o gesto patriotico de Jeronymo Coelho fazendo surgir em 1831 o primeiro jornal em terras catharinenses com o fito unico de trabalhar pela grandeza e pela prosperidade do seu Estado natal.

Que esse olvido não mais se repita e que os jornalistas de Santa Catharina se reunam para commemorar com brilhantismo o 28 de Julho de 1917.

C.

## Escolas Reunidas

No dia 30 do corrente, si o tempo permitir, realizar-se-á a inauguração das Escolas Reunidas de Tijucas, devendo esse acto ser honrado com a presença dos exmos srs. drs. Felipe Schmidt, Governador do Estado e Fulvio Aducci, Secretario Geral.

*Marcella*

Successo  
inegualável

MARCELLA Luxo sem igual

## Pelos lares

O lar do nosso distinto conterraneo sr. Senador dr. Herelio Pedro da Luz, acha-se engalanado com o nascimento de uma filhinha.

A recente desejamos felicidades e aos seus dignos genitores apresentamos os nossos parabens.

Festejou hontem o seu anniversario natalicio o digno militar sr. major dr. Pedro Maria Trompowsky Taufois, aquem apresentamos as nossas felicitações.

**Marcella** Soberba concepção artística  
**MARCELLA**  
Uma hora é meia de emoção

## Um jornalista Catharinense

Caldas Junior era um jornalista de tempera e um poeta vibrante.

O Correio do Povo, grande orgão de publicidade que ele fundou em Porto Alegre, ha vinte annos, representa o valor inestimável de seu esforço e os ardores do seu temperamento estheticó.

Avaliando o papel brilhante que o Correio do Povo representou no desenvolvimento intelectual da mocidade, os rio-grandenses longe das estreitezas regionaes, erigiram n'uma das praças de Porto Alegre a herma de Caldas Junior, o poeta delicado e jornalista scintillante que S. Catharina produziu.

O Olho reverenciando a memoria de tão illustre homem de letras, estampará no proximo numero dois sonetos de sua lava.

## A Opinião Publica

(Reflexões de um solitário)

A opinião publica é aquillo que nós pensamos que os outros pensam, ou aquillo que nós pensamos que os outros pensam que pensamos. Quando pensamos que pensamos como os outros, pensamos que elles pensam como pensamos.

E isto o que nós pensamos ser a opinião publica.

Quando encontramos alguém que não pensa como pensamos, então pensamos que isso não é a opinião publica. Quando encontramos, ou ouvimos fallar, de um certo numero que não pensa como pensamos, então pensamos que aquillo que elles pensam é uma cousa contraria ao que a opinião publica deve ser, e na verdade esta o é, logo que elles começam a pensar, como nos pensamos que devem pensar.

A opinião publica é de duas especie: o que não é, e o que pensamos que é.

N'outros termos: o que nós pensamos que é opinião publica, pôde não ser o que nós pensamos que é.

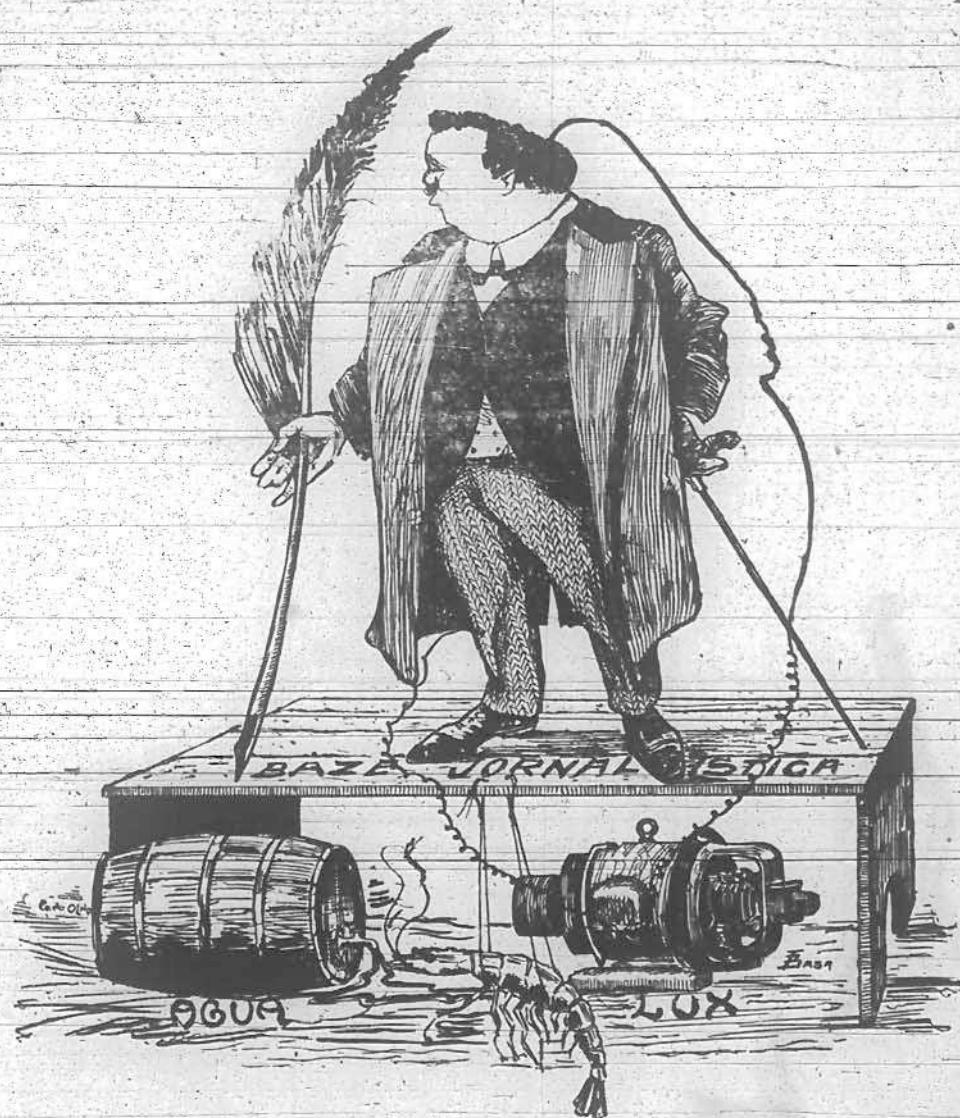
## OS PHARÓES INGLEZES

A costa das Ilhas Britânicas está tão bem provida de pharóes que si um navio for, a noite, fazer o circuito da Inglaterra, Escócia e Irlanda, terá sempre à vista a luz de um pharol.

ENGENHARIA E  
JORNALISMO

O Olho

O Olho



Esta revista só se vende na engraxataria á rua  
da Republica

# O OLHO

## Metternich e a imprensa

De um velho numero da *Europe Diplomatique* reproduzimos o seguinte trecho de uma conversão entre o grande Metternich e o barão d'Anethan; a opinião do primeiro acerca da imprensa e dos modos de obstar aos perigos da sua excessiva liberdade, é muito curiosa e digna de ser archivada.

«Diz-se que eu desprezo a imprensa, o que é falso, pois considero-a como um poder; mas entendo que todo o poder deve ser regulado.

Quando soube que Luiz XVIII queria consignar na Carta o princípio da liberdade d'imprensa, pedi-lhe que não fizesse tal. Não podendo conseguir nada, perguntei-lhe:

«Existindo a liberdade de pensar e sendo essa liberdade um direito innato do homem, não vos parece, meu Senhor, que o direito de manifestar o pensamento pela imprensa exista por esse mesmo motivo? --- Sim, respondeu-me elle. --- Então repliquei-lhe: E' inutil consigná-lo numa Carta, porque, inscrevendo n'ella esse direito fareis suppor que não existem os que lá não estão inscriptos.»

O rei não fez caso d'isto. Como a imprensa é um poder, é preciso, repito, regulamental-o, mas de que modo? São precisas medidas repressivas?

Essas não servem para nada.

Feris o escriptor; mas o escripto, o mal, ficam. A imprensa é como a peste; extende-se, propaga-se. Que se tem inventado contra a peste? quarentena. Preservam-se assim da doença as populações. Que se di-

ria de um legislador que levantasse todas as quarentenas, por elles impedirem a circulação, a liberdade, o comércio, e que ao mesmo tempo profun- ciasse penas severas contra aqueles que introduzissem a peste? Estes seriam castigados, enforcados, talvez; mas as punições não deixariam de ser ineficaz- das, por isso. O mesmo sucede com o mal que faz a imprensa.

Por mais horror que cause este nome, só a censura é que pode prevenir os perigos da imprensa. A censura, mas exercida por quem?

Pelo governo? Não; porque seria mau e perigoso: mau, porque a paixão política poderia envolver-se no acto; perigoso, porque o governo parecia aprovar, n'outros casos, o que, por uma simples inadvertencia, talvez, deixou publicar. Pela magistratura? Não; é preciso deixar à justiça a sua dignidade e a sua posição á parte; a sua intervenção em tal matéria tiraria-lhe-hia uma parte da consideração e da confiança que ella deve inspirar a todos.

Não vejô nada possível senão um grande jury que nomeasse os censores e pronunciasse soberanamente estes e os escriptores».

(Ext.)

## Hosannas !!

E' de festas o dia de hoje para a Imprensa Catharinense, pois, vê passar o 85º anniversario da sua fundação.

Em 28 de Julho de 1831, o illustrado homem de estado que foi o brigadeiro Jeronymo Coelho, no justo afan de pugnar pelo progresso de sua terra na-

tal; fez distribuir na então Deserto, o primeiro número, d'O *Catharinense*, jornal de pequeno formato e que tinha como divisa: *União e Liberdade*.

Desse data aos nossos dias a imprensa em Santa Catharina tem tanta evolução, não ficando aquem da de outros Estados d. Uniao.

Felizmente, para a honra nossa, a imprensa catharinense não é mercenaria; Ela diverge no modo de pensar e de tratar os assuntos, mas não desce á laia das sargentas.

Que no dia de hoje, os que se dedicam á vida fatigante de fazer jornal, se confraternizem e trabalhem com afinco para se perpetuar no marmore, como uma ligão aos póteros, o vulto inesquecivel de Jeronymo Coelho, o jornalista solitário.

B

**Marcella** Trabalho impecável da genial e formosa artista **Hesperia**

## Dr. José Boiteux

Afim de tomar parte nos próximos trabalhos do Congresso Representativo do Estado, chegou hoje a esta capital o nosso operoso conterraneo e distinto collega sr. deputado dr. José Arthur Boiteux.

O O.ho abraça afectuosamente ao illustrado coestadano desejando-lhe feliz permanencia nesta Capital.

Em quasi todas as localidades da Suissa, as mulheres fazem cortar o cabello por pessoas do seu sexo,

Major Hypólito Boiteux

Nova Trento



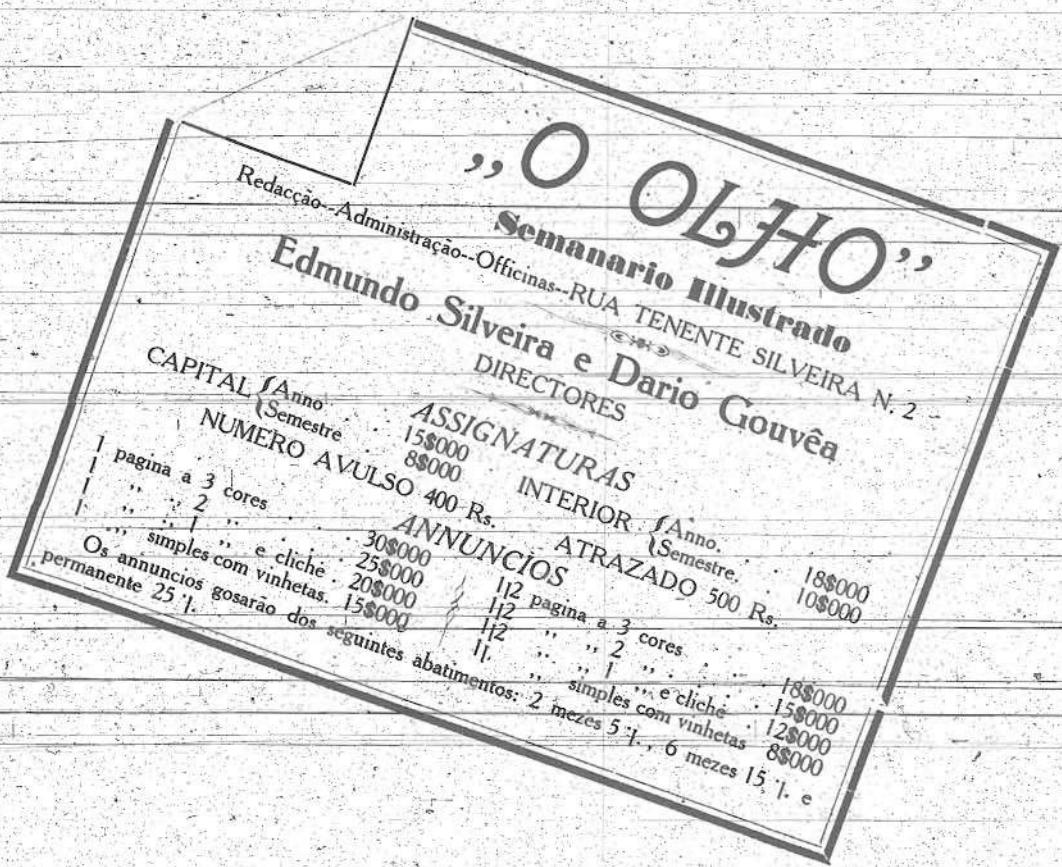
ANNO I

NUMERO 18

Florianópolis, 6 de Agosto de 1913

*Um trecho do Jardim „OLIV&IRA BELLO“*





São considerados nossos assignantes todas as pessoas que não devolveram o primeiro numero. A cobrança de assignaturas será iniciada após a distribuição do presente numero.

Só publicaremos annuncios em papel assetinado si os srs. anunciantes se sujeitarem ao pagamento da diferença do preço do papel.



# O OLHO

SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 6 de Agosto de 1916

NUM. 18

## Sem pretenções a crônica

Para as remotíssimas terras de Mato-Grosso partiram os últimos soldados do 54º de caçadores. Na dura contingência de restabelecer a ordem entre irmãos em desavença. Vão armados como si fossem ao encontro de inimigos externos; mas não é de extranhar que, si levam as cartucheiras abarrotadas, vão, entretanto, com a alma vazia de entusiasmos.

Não os agita essa alegria absorvente, embriagadora, que se apossa de todo bom patriota quando se lhe depara ensejo de ser útil à Pátria, morrendo por ela no campo de batalha a combater com inimigos de além fronteira. Vão como quem sabe que só vencerá pela força e que, para cantar vitória, terá de calcar o pé sobre a gorja do próprio irmão.

### Desconsoladora glória!

E com esse lamento finaliza o registo das ocorrências semanais, a menos que não inventemos qualquer facto inoccurred, estapafúrdio, fantástico, para com ele embelecar a viva e sempre insatisfeita curiosidade dos leitores d'*O Olho*.

Nos últimos dias circulou o boato de que breve o *Centro Cívico-Literário* faria publicar uma folha periódica, em cujas colunas seus associados inseririam artigos de variado assunto, com absoluta liberdade de opinião, ficando cada qual responsável pelas ideias emitidas.

Si tal acontecer, a novel agremiação, que dos oito pontos do seu programa apenas ---até agora--- realizou o último e parte do sexto, o qual está essencialmente ligado àquele, dará um nobre passo para adiante.

Creará em nossa capital um *jornal livre* na mais pura acepção da palavra, e que, recolhendo no seu seio todas as ideias generosas, elevadas e sinceras, dê um atestado da nossa cultura, livre das estreitezas dos sectarismos de campanário.

Altino FLORES

## Dr. José Boiteux

O distinto jornalista sr. dr. José Arthur Boiteux, digno deputado ao Congresso Representativo do Estado, teve a gentileza de honrar a nossa modesta tenda de trabalhos com a sua presença.

O illustre homem de letras, agradecendo-nos a homenagem bastante merecida que lhe prestamos, estampando o seu cliché na pagina de honra de um dos últimos numeros da nossa revista, teve palavras de incitamento e de sympathias para o nosso hebdomadário.

Agradecendo essa prova de amizade que o distinto conterraneo vem de nos prestar, fazemos votos para que seja de interruptas felicidades a sua permanencia nesta Capital.

## MARTINHO CALLADO

Passa hoje o segundo anniversario da morte do saudoso jornalista patrício Martinho Callado. Caracter de rija tempera, educado na prática do bem, nunca curvando a vertebra a imposições duvidosas, nem pondo sua pena ao serviço de causas menos sãs, o saudoso catarinense foi tipo perfeito do homem de imprensa, talentoso, ponderado e probo.

Da sua falta muito se ressentiu a imprensa do Estado que, no inesquecível velhinho, tinha o seu conselheiro e patriarcha.

O tumulo de Martinho Callado *O Olho* cobre de flores de saudade e respeito.

Admoestai as mulheres com bondade, porque as mulheres foram criadas de uma costella de Adão: por isso, si a quizerdes endireitar bruscamente, parti-la-eis, e si não tratardes della, ficará torta para sempre.

Mahomet



Alexandre Margarida



Germano Avelim

Confiuadores do ideal ingente de Jeronymo Coelho



## Minha terra

Oh ! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida.  
Da minha infancia querida,  
Que os annos não trazem mais !  
*Casimiro de Abreu*

Como disse o primoroso vate fluminense é vivida em mim a recordação de que numa ilha do Atlântico Sul está a cidade onde nasci, bordada por duas encadas: a do porto, da cidade propriamente dita; a outra, de um seu pitoresco arrabalde. Neste passei a minha infancia saudosa; ora, em correrias com os meus condiscípulos; ora, com estes a lindas moçoilas, arrastando a rede pejada de peixes, pela larga e alvacenta praia.

Ou então, a praia desaparecia pela maré cheia e a agua ia animar os salgueiros, de galhos encurvados, numa langüidez d'estio; contrastando o verde-claro d'estes com o azul diaphano celeste, o cinzentoo-claro do rochedo da extremidade occidental da enseada e as nuances esmeraldinas do salso reino; conforme era este agitado pelos quadrantes eólios do Norte ou tranquillo, quando sopravam os do Sul. E, se essa enseada se assemelhava a um lago era tão bello o panorama á tarde, como á noite e ainda mais pela madrugada!...

A tarde, quando morria o Norde te e caia impenitoso o vento Sul; voando céleres as embarcações do porto, para irem com as brancas velas enfunadas quaes doudas gaivotas, procurar um abrigo na baia do Norte; irando-se então o sublime espectáculo do lutar das ondas e das nuvens, respectivamente, em marcha para o Norte e para o Sul; ou quando na calmaria, da limpidez brillante do ouro velho, o Sol, despedindo-se da terra, cedia o logar ao crepusculo; que mostrava os primeiros astros em seu manto claro-escuro e descortinava no Oriente a rainha da noite, divina inspiradora da poesia. O ceo, afinal, recamava-se de scintilantes luzeiros, em cortejo á lua, em seu percurso apparente, espelhando-se em prateada esteira na serenidade do mar semeado de embarcações. E os pescadores, para seu afan nocturno, passavam, rythmando melodiosos canticos com as cachoeiras dos remos !

Pela madrugada, pouco a pouco amorteciam as luzes do ceo e da terra e, á proporção que a claridade luarenta escondia-se no Occidente, realisava-se o consorcio do crepusculo com a aurora radiante, prenunciadora da aurifulgente marcha de Phebo. Depois, este se mostrava por de traz de um morro que guarnece a cidade, ao fundo, com luxuriante vegetação, e os habitantes alados, despertando, entoavam

hymnos de maviosos cantos e pintalgavam as arvores dos tons coriscantes de suas lindas plumagens !

Que delicioso quadro então nos pintava a extraordinaria criação de Deus, se alguns cirros e cúmulos pretendiam occultar o Sol; por que seus raios, formando feixes luminosos, insinuavam-se pelas frestas, cahindo em cones hol photicos e, constituindo um rica dialema à poetica enseada, mais realçavam sua beleza comparecendo à festa da natureza !

As embarcações voltavam lentamente, a zingas ou remos para o porto da cidade e os pescadores também voltavam a seus penates ou iam para o mercado, cantando alegremente . . . . .

Essa ilha encantadora é a de S. Catharina e na cidade que nella existe está o aprazivel arrabalde da Praia de Fóra ! . . . . .

Oh ! que prazeres se sente  
Na minha terra natal;  
Igualando-a, não se mente,  
A um Edem terreal !

Rio

T. I. R.

O amigo R. é muito sentimental.  
Ha poucos dias fóra elle ao cemiterio e lá encontrara uma lapide com esta palavra, apenas lavrada:

SILENCIO!  
Impressionara-se com o facto: Quem dormia ali?

Deixando a mansão dos que eternamente dormem encontrará no caminho um amigo, que para lá se dirigia e perguntou o R.

---Onde vaes?  
---Vou ao cemiterio.  
---De lá venho e bastante impressionado...  
---Porque?

---Ora, imagina tu, que depois de ter percorrido todo o perímetro da cidade dos mortos, encontrei uma pedra sepulchral, contendo apenas esta palavra:--- Silencio....

Quem descansa ali? Por mais tratos que desse á bola, não pude saber quem ali jaz.

O amigo, depois de reflectir, disse com muita calma e naturalidade.

---E' claro. Quem ali dorme é o... Callado!..  
---Ora bolas, diz o R. arreliado.

O beiço do Rilla amigo  
é barometro perfeito:

---quando em cima não ha perigo,  
cahido-- temporal desfeito....

## Um pintor catharinense

Existe nesta capital um pintor catharinense que vive na mais profunda modestia.

E' o Sr. Eduardo Dias.

Os seus trabalhos revelam uma alma de verdadeiro artista.

Jamais os pruridos das exhibições o fascinaram. Modestíssimo por índole, o pintor catharinense vive em completo retrahimento como se guardasse um grande ressentimento da convivência dos que lhe não abem comprehender os encantos da sua arte.

Sem ter frequentado as grandes escolas, possue ele merecimentos que o tornam digno do nome de artistas.

Ha em todos os seus quadros a revelação de dotes não communs, certas tonalidades que espalham harmonia no intenso colorido de suas tintas.

Se Eduardo Dias habitasse outro meio, mais adequado ás luctas do homem que vive de sua arte, outra seria a sua situação.

Assediado pelas contingências precárias, luctando como um destemorado, para substancia de uma próle numerosa! não lhe sobra tempo para longos estudos que permittam aperfeiçoar cada vez mais a sua visualidade.

Conhecemos, de perto, os dissabores que elle ha experimentado.

Quantas vezes, os seus serviços artísticos não têm sido barateados em proveito de terceiros que se lucupletam...

De uma feita, Eduardo Dias terminava um quadro, digno de uma sala elegante. Perguntaram-lhe o preço.

Acharam-n'o elevado.

As dificuldades da vida levaram-n'o a aceitar uma offerta insignificante.

Na luta de todos os dias, vae elle produzindo trabalhos modestos, na verdade porém iguais a tantos outros que figuram em muita sala elegante.

No foyer do Theatro Alvaro de Carvalho estão expostos tres grandes quadros a óleo que são suficientes para demonstrar que o auctor dos belíssimos scenarios da revista local *Pistoleiropolis* posse uma organização artística, que á falta de estímulo, está vegetando pr'ahi n'um recanto de sua grande modestia...

A verdadeira caridade consiste na prática do bem.

A mulher é um indissível ponto de interrogação.

## A mendicidade

A polícia teve um gesto louvável. Segundo a ação justa da benemerita Associação Irmão Joaquim prohibiu a mendicidade pelas ruas de nossa Capital.

Reprimiu um abuso que degenerava em fonte de vício.

A malandragem ia arrastando individuos sãos ao peditorio de todos os dias.

Não podia ser mais detestavel o espectaculo que, aos sabbados principalmente, os que exploravam a bolsa alheia, offereciam aos nossos olhos.

A cada momento, eramos importunados, ali por essas ruas e praças, por um legião de homens e mulheres, na sua maioria, sadias para o labores da Vida...

Entenderem a mão á caridade publica é mil vezes preferivel.

O trabalho quotidiano, a luta incessante de todos os dias, não seduz os mandriões.

Exploram os sentimentos de generosidade, é mais compensador.

Se uns lhes fecham a porta; outros lhes abrem a bolsa.

Cada dia que se passava, a onda de pedintes augmentava.

O despudor exigia severas medidas de represão moral.

Nem aos domingos, dias consagrados ao descanso, cessava a pratica immoral.

Quando a tarde, as famílias faziam o corso no Jardim Oliveira Bello, os matrapilhos, d'aqui e do Estreito, vinham explorar os sentimentos piedosos dos que ali se divertiam.

Este tristíssimo espectaculo depunha muito contra a nossa cultura.

Aos olhos dos forasteiros que nos visitam parecem que não possuímos um Asylo de mendicidade para soccorrer os verdadeiros infelizes sem conforto e sem pão.

Felizmente o mal está sanado.

As medidas adoptadas pela polícia, só merecem aplausos.

Mister se torna agora a população auxiliar efficazmente a benemerita instituição Irmão Joaquim, que está sempre de portas abertas para acolher sob o seu tecto de Caridade os torturados da Vida.



## Dr. Thiago da Fonseca

Vê passar hoje o seu anniversario natalicio o nosso ilustrado confrade sr. dr. Joaquim Thiago da Fonseca, digno Procurador Geral do Estado e redactor-chefe do nosso apreciado collega *O Dia*.

*O Olho* apresenta a s. s. os seus sinceros parabens, com os votos que faz a Deus pela sua constante felicidade.

## Annita Garibaldi

O dia de hoje marca o aniversario da morte da grande heroína catarinense Annita Garibaldi.

E' de lamentar que o povo da Capital do Estado em que vio nascer esse vulto de mulher varonil, que pelo seu desprendimento, assombrou os mais corajosos soldados do seu tempo, e que tem seu nome esculpido na Historia de dois Povos, ainda não a tivesse perpetuado no marmore ou no bronze como incentivo as gerações que se formam a seguir-lhe o seu exemplo.

*O Olho*, no dia de hoje, rende á memória da inolvidável heroína as homenagens do seu respeito.

**Marcella**—O mais importante film do anno. Impeccavel triumpho.

## Q FLIRT

### Uma definição de Joe Collaço

Em um velho numero da *Gazeta de Notícias*, de Março do anno passado, encontrámos na secção mundana *Binoculo* as seguintes linhas, em as quaes se conta como o *conteur* e jornalista catharinense Joe Collaço deu uma interessante definição do *flirt*.

Diz o chronista:

As gentis leitoras, que amam collecionar pensamentos e definições, têm mais uma inedita sobre o "flirt". E' do joven "conteur" e presado confrade Joe Collaço e vale a pena narrar como o distinto jornalista viu-se obrigado a definir o "flirt".

\* \* \*

Ha dias, numa reunião, em Icarahy, a gentil mil. Renée Lenouard trazia um leque assás interessante e original. Sobre um fundo escuro, o artista representara duas cabeças jovens accendendo os cigarros, que mantinham aos lábios.

\* \* \*

Aos elogios que Collaço fez do bom gosto e da originalidade do leque, mademoiselle respondeu: "Se escrever nas varetas deste um pensamento ou uma phrase nelle inspirada, terá como premio um identico." E Joe Collaço escreveu o seguinte, que, com sucesso, se espalhou immediatamente pelo salão: "Le flirt est une cigarette; ceux qui veulent jouir de son charme jusqu'à la fin, risquent de se bruler les lèvres. Les fumeurs raffinés allument une nouvelle cigarette au bout de celle qu'ils vont jeter. Le flirt est une cigarette!..."

\* \* \*

No dia seguinte, mil. Lenouard crumpria sua promessa enviando ao joven intellectual um leque semelhante com a seguinte dedicatória: "A mr. Joe Collaço, avec mes remerciements et en souvenir de la soirée d'hier." E ahi têm as amaveis leitoras como nasceu a nova definição do "flirt".

## DEPUTADOS

Afim de tomarem parte nos trabalhos do Congresso do Estado acham-se nesta Capital os nossos illustres coetananos Tenente Coronel Manoel Thia- go de Castro e dr. Julio Renaux.

*O Olho*, apresenta-lhes afectuosos cumprimentos.



## Os apuros de um escovado

### Uma conferencia humoristica

De quando em vez dão-nos o prazer de sua interessante visita alguns escovados que se dizem jornalistas.

E como a época é de conferencias, elles se tornam conferencistas.

Na segunda-feira passada, exhibiu-se no Alvaro de Carvalho um illustre desconhecido, o sr. Raphael Henriques que se propôz dissertar sobre o *Brazil e a guerra europeia*.

A's 20 horas, era animadora a concurrence no Theatre Alvaro de Carvalho.

A plateia cheia. Pelas frisas e camarotes muitas famílias.

Após alguns *film*, projectados no *écran*, teve inicio a interessante projecção do novel conferencista.

Este esfriou. Era todo tremuras. Estava pallido. Parecia que ia ser immolado. Teve uma resolução firme.

Tomaria um calix de cognac.

Um não o esquentava. O frio era intenso.

Melhor seria beber de um trago só toda a loura infusão. E assim o fez.

Estava mais animado.

Alguem perguntando-lhe o que diria sobre o *Brazil e a Guerra*, respondeu: «sou um vulcão. Não sei onde tenho a cabeça... Esmagarei Graça Aranha e Médeiros Albuquerque...»

N'uma vertiginosa carreira, o improvisado jornalista e escovado conferencista, entra no palco.

Manda levantar o panno.

Faz-se grande silencio na platéa.

Começa a *Innana*...

Apenas no palco uma mesinha. Falla, de pé, o sr. Raphael Henriques.

N'uma gesticulação larga, o orador, em frazes já proferidas mutatis---mutandis em Curityba, Ponta Grossa e Paranaguá, agradece a generosidade do auditorio catharinense, que ali estava a seus pés para ouví-lo.

(O sr. Herculano de Freitas que se achava n'uma das primeiras frizas, bate palmas começando a «claque». Apenas umas três pessoas o acompanharam...)

Vamos inserir na integra, graças aos esforços do representante do *Olho*, o que disse o conferencista.

«Trazido na alvura branquicenta do marulhar espumante dessas verdes ondas oceanicas que se espreguiçam aos pés de Florianopolis, dei com os cos-

tados nesta terra bemdita, porto de segurança de minha salvação e de minha Promissão».

(Movimento na platéa. Risos de alegria. O publico está gozando).

«Não! Não sou um estranho, meus senhores, meus amigos! Qual bolido que se perdesse, rolando das regiões sideraes do azul purissimo dos céos, cahi aqui, para defender a causa da Allemanha».

(Fundas e gostosas risadas na platea).

O orador bastante energico e indignado exclama:

«E' isto! meus ouvintes! Quando se fala contra os horrores da Inglaterra, da barbara Belgica e pússilame Russia, todos riem, n'um riso sarcastico e tolo».

«Ignoram os senhores que foram os belgas os amputadores dos seios de creanças e de mulheres?»

(Do poleiro, um pandego, em tom de troça, exclama:

«Isto é uma porcaria!»

A platea chôra de rir. O major Diniz desafivelia a cinta. O Viegas griticula. O major Fernando Machado, mantendo a ordem, pede calma. No alto, no camarote policial o Dr. Ulysses ri-se a bom rir, lembrando-se dos bestiologicos academicos).

O orador prosegue:

«Meos senhores! Eu peço que me deixem prosseguir. Tanto barulho por causa das minhas palavras pró-Allemanha. Eu vos garanto: eu não sou por nenhum dos paizes belligerantes.

Apenas quero reduzir, pulverizar as afirmações de Graça Aranha e Medeiros Albuquerque, essas duas assombrosas mentalidades que foram contra o marchal Hermes. Sei que não tenho talento para enfrentar esses homens que são como os amigos sabem duas mentalidades assombrosas»

(O publico continua a rir nervozamente. O Barbosa dá um aparte engraçado). •

O conferencista, tout rempli de soi-nême---exclama:

«Meos senhores! O grande cataclysma que está devorando o mundo ha de acabar. Não ha coração bondoso de patriota que não aspire essa causa.

Só vejo um remedio: é a paz!»

[Até-ahi morreu o Neves, gritou um garoto, das galerias. A hilaridade dominou a plateia. O orador pede benevolencia em respeito as senhoras].



«Penso, digo, que estou falando a uma plateia culta, civilizada.

Mas vou prosseguir.

Eu não quero a paz como brasileiro. E sim como filho do Planeta, que...»

[Neste ponto é interrompido pelas gostosas risadas do público. Espectadores arrastam os pés. Ha apartes pilhericos, gostosos.

O commandante Viegas disse: «esse ladrão nasceu a bordo do Planeta...】

«Sim, sou filho do Planeta, meus senhores, porque, como professor do Collegio Militar do Rio, se eu levar a minha carta á Russia e fôr reconhecido, serei russo; se a França fizer a mesmo, serei francês; se a Inglaterra também, serei inglez...»

[A assuada continuou. Não se pode ouvir o escovado conferencista.

O sr. Herculano de Freitas, de uma das frases pede silêncio].

O orador indignado abre os olhos do público umas tiras escriptas e diz: «amanhã, a imprensa da terra publicará essas tiras que sobre o Brazil e a Guerra escrevi hoje, ás pressas.»

«A guerra é essa calamidade pavorosa que reduz um povo á fame. Quantos homens sacrificados ante as ambições dos potentados.»

O orador abre um panenthesis:

«Desde os Guarapes até o grito de Ipiranga, a guerra tem sido meus amigos um polvo.

Não fosse ella não teríamos essa República de orgia de 89, não teríamos uma bondosa senhora como D. Isabel, a redemptora de uma raça, o bom monarca D. Pedro II...»

[Cada vez mais o auditório se mostrou impiedoso. Ha apartes, ha risadas gostosas].

O orador, num dos mais felizes momentos, diz:

«Meus senhores, não posso continuar mais... As suas manifestações contra a Alemanha me interrompem.

As tiras que ia ler, publicarei amanhã, na imprensa cá da terra. Queiram desculpar-me.

Pensei que estava orando para pessoas que não fossem apaixonadas.»

A vaia foi geral.

Havia um mixto de altas risadas e pés arrastados pelo assoalho.

Fez-se depois silêncio. Ia comegar a segunda parte.

A madame Philomena, que acompanha o escovado jornalista ia cantar cançonetas originaes.

A orchestra executou uma bellissima valsa.

Após, levantou-se o panno.

Appareceu a figura ridicula do conferencista. Queria dizer algumas palavras. O publico pensava que fosse a continuaçao da conferencia...

«Meus senhores, disse elle, com as mudanças de temperatura e as massadas que tivemos ao passar a casa para o nosso festival, a senhora que ia cantar, está bem doente.

Se tiver um medico que queira subir até cá, ha de ver o seu estado.

Imaginem os senhores o frio vento sul atacando a constituição fraca dessa creatura.

Peço mil desculpas pela falta commettida.» E o panno foi descendo lentamente, enquanto da plateia rombia forte vaia.

E ainda sob os ruidosos aplausos, lá pelos fundos do Theatro seguiriam rumo à Pensâ. Familiar o hilariante Henrique e a sua cançonetista, acompanhados do inefável Herculano

### Tableau

### Epitaphios

Nestas muitas, nas macegas,  
que verdejam á luz do sol,  
jaz o dedo do Viegas,  
que tem forma de um anzol.

### CÓRTES

Quando, escorreito e teso no frack preto, afeto à cruentas luctas jornalisticas, o *santelmo* avançou victorioso «Círculo» a dentro, houve uma gargalhadassinha abafada nos labios rubros de Mlle.

Elle sentou-se imperturbavelmente.

Olhou em derredor, percebeu o riso, riu também e poz-se a fitar com insistencia os olhinhos verdes de Mlle. «O chumbo entrou de virar por cima da cortiça» Mlle. córa muito e virá-se rapidamente, fugindo á tentação do frak preto e dos olhares terninhos, tão doces do menino jornalista.

Dizem, as mais chegadas amiguinhas de Mlle, que aquella legenda *hiphenmaniaca*, deselegantemente pesquendo ao lindinho chiché de Mlle., no dia de seu anniversario, derrubou impiedosamente o talento do tortuoso fazedor de perfis. A phrase, va lá que passasse, ainda bem que incomprehensivel; mas o *hiphen*, a abundancia do hiphén, erroneamente usado em lugar da *virgula*, é inadmissivel.

Foi uma legenda de travessão, *atravessada*.

# Pelos babados

*Quando eu te conheci facto recente  
inda não eras moça: o teu vestido  
não ia além do cano reluzente  
do borzeguim de salto retorcido.*

*Repiravas ainda, ingenuamente.  
os effusos de um sonho inefinido  
banhado pela luz phosphorescente  
e outro viver mais leve e irreflectido.*

*Nesse tempo feliz—porque é passado—  
n'um doce olhar amigo e descuidado,  
eu te fitava o rosto encantador,*

*e mal pensava que o vestido ousado  
quanto mais abaixasse o seu babado,  
mais faria subir o meu amor.*

# MORTA

*Morta! E no entanto seu semblante lindo  
inda conserva a divinal candura  
dos claros dias, em que a vi sorrindo,  
alívio e bella, tentadora e pura!*

*Morta! E os seus lábios, de ideal frescura,  
descerrados os vejo, como rind.  
do negro horror da fria noite escura  
que lenta e triste e horrenda vem cahindo!*

*Morta! E os seus olhos negros, entreabertos,  
como que buscam rebrilhando incertos  
tudo offuscar, illuminando tudo!*

*Morta! Mas para alguém, vendo-a tão bella,  
inda palpita o coração de Stella,  
inda soletra amor seu lábio mudo!*

CALDAS JUNIOR

# Thiago de Castro

Festeja hoje o seu anniversario natalicio o nosso illustre collega de imprensa sr. Tenente Coronel Manoel Thiago de Castro, uma das figuras de maior destaque no Congresso Representativo do Estado.

O Olho apresenta-lhe os seus sinceros parabens.

# Não te desgostes...

*Não te desgoste meu aspecto triste,  
Os olhos fundos no penar talvez...*

*---Eu sou o Lara que na fronte pallida  
Relata a historia d'um cruel revéz*

*Musica e flores, o prazer, a dança,  
---Phase brillante que relembra a morte!  
Sorri, criança! a juventude é rosa  
Que se desfolha ao refregar do norte!*

*Oh! tu, formosa, saberás um dia  
Porque das salas me afastei tristonho;  
Porque teu riso me causava mágoas;  
Porque te vendo me julguei n'um sonho!*

*Andar pausado, emmudecida sombra,  
Por luz sinistra esclarecida a meio,  
Passou por junto de visão celeste  
Roçou-lhe a veste, ---estremeceu d'enleio!*

*Eu fui Mazeppá arrebatado á noite,  
Quando nos olhos de Thereza lia!  
Depois; nos campos, moribundo, achado...  
---Cossacka---a vida n'um olhar me envia!*

*Foste a Medora soluçando a lyra  
As notas flebeis que a paixão corpora---  
---Eu fui Conrado que escutava á porta  
Quando soava da partida a hora!*

*Eu fui o Lara que sorrio ao insulto---  
---Tu foste o pagem que o cartel tomou:---  
Eu fui a vítima que cahio ao ferro---  
Tu foste o anjo que por mim chorou!*

*Adeus! formosa! se me veres triste  
Dá-me o sorriso que em teus lábios vi:---  
Serena lanho, no meu peito occulto  
Um puro affecto, que é---amor por ti!*

Dr. Catão Callado

18---10---1874

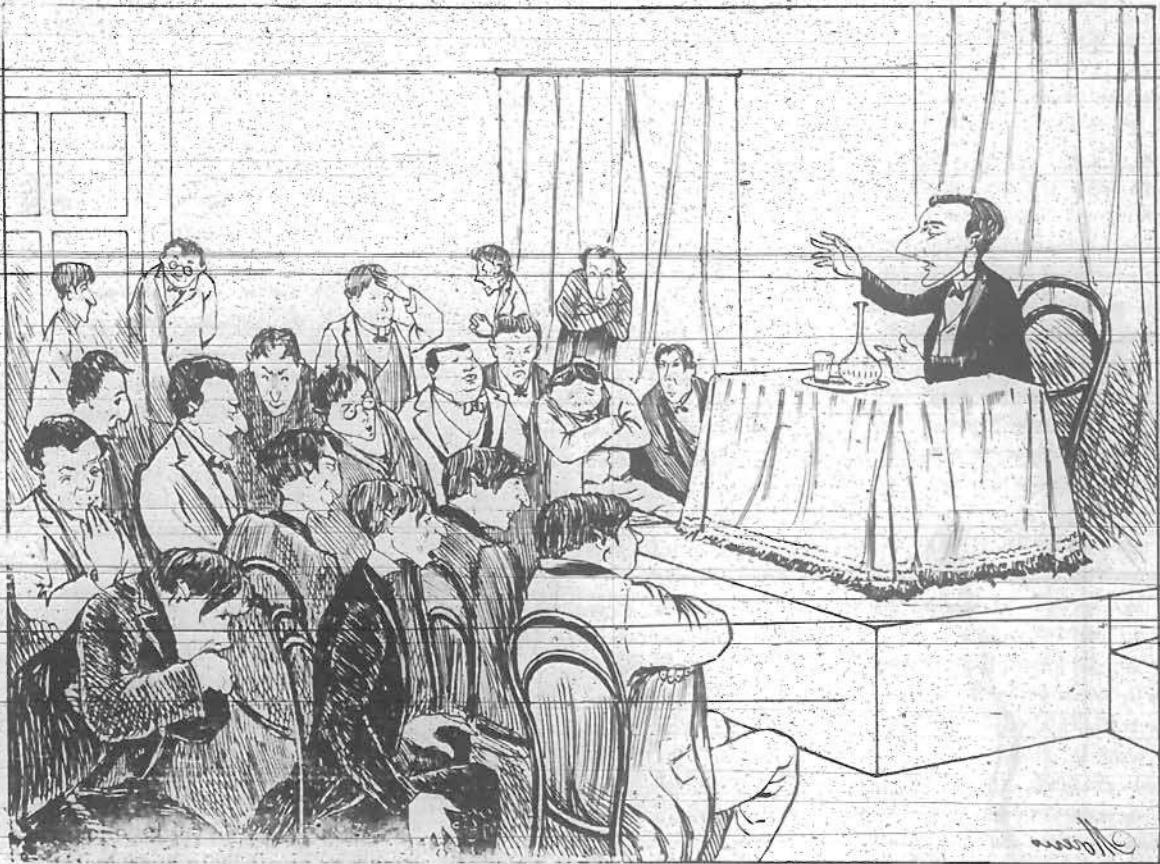
# Congregação Mariana

Para a XVIII sessão solemne que a Congregação Mariana de N. S. do Bom Conselho, do Gymnasio Santa Catharina, realiza na tarde de terça feira, 8 do corrente, recebemos delicado convite que muito agradecemos.

O programma dessa solemnidade constará de di-  
versos trechos de musica e das representações do dra-  
mas *A Bandeira da Pátria* e da Comedia *A Bola*  
*de Neve.*



## Um gesto patriótico



**Professor:** Caros conterrâneos, —Salvemos a nossa pátria ! tornemo-nos cidadãos dignos e patriotas ardorosos; cultivemos a educação Cívica !.... d'ella, dependerá por certo, a grandeza e prosperidade do nosso querido Brasil.

Senhores, —Não pertencemos a uma raça decahida...

**Um aluno:** (não podendo conter o entusiasmo e interrompendo o professor) Muito bem, muito bem!... este professor é um patriota e tanto... Viva a educação cívica!.. vivôôô!... vivôôô... vivôôô...

*Esta revista só se vende na  
engraxataria á rua República*



# Sobre os Alpes

## (Notas da viagem)

Raiava uma fresca madrugada de Junho quando o gondoleiro me deixou, um pouco sonolento e um pouco sonhador, nas escadas da estação de Veneza: é que ao balcão dos meus aposentos, que era ao balcão nobre de velusto palacio transformado em hotel, deitando sobre o cão dos Escravos, no melhor e mais distinto ponto da cidade, eu havia passado toda a noite escutando barafolos e trechos de operas que amadores e profissionaes de ambos portavam nos trabalhos sexos, cantavam dentro as gondolas iluminadas, estavam n'lo executados que deslizavam vagarosamente pelo cais de São Marcos e iam para o canal Granile ou delle vinham.

Era, porém, necessário despertar e... ficar deserto-mesmo depois de installado no vagão, porque acompanhava alto funcionario representando o presidente del magistrato alle Acque, repartição mixta de engenharia civil e serviço florestal, que continuava de igual nome e de quasi iguais atribuições que funcionava no tempo de Republica, portanto sem similar em toda a Itália. Dependente dos ministérios

de Obras Públicas e da Agricultura, conforme a natureza dos serviços, o presidente tem autoridade mais ampla do que os próprios ministros, mercê da singular e secular organização que se reconheceu ser a única que convém aquella interessantíssima zona, onde os trabalhos publicos constituem problemas delicados, difíceis, complexos, desde a circulação das águas nos canais da cidade até a correção das torrentes que descem do pináculo das suas mais altas serras dolomíticas.

Não foi sem estranha emoção que parti para os Alpes, para ali viver um pouco a vida predilecta das grandes altitudes, onde o ar é puro e leve e para de sobre os chapadões limpos ou de sobre os espinhos abruptos que as estradas cortam estender o olhar pelas «lames de couteaux», pelas agulhas e pelos zimbórios das serras há tantos milhares de anos sublevadas—estender o olhar até onde a curva apparente do horizonte confunde o branco dos gelos eternos com o branco do céo, para depois dilatar-se ainda pelas intangíveis regiões da alma, onde a Saudade domina com aquele imperio que só adquire quando o transcurso dos annos amortece as velhas alegrias..

Essa estranha emoção aumentou logo que cheguei a Quero, distante poucas dezenas de quilômetros, exactamente no centro da garganta por onde correm as águas do Piave, a qual divide os pre-

Alpes Bassi e os Alpes Bellunes. Mais adante Feltre, primeiro degrau dos Alpes Feltinos e primeira etapa da viagem, cidadinha emoldurada pelos Vatte Grandi, Pietina, Diavolo, Scarnion e Ramezzà, picos que variam entre 2.146 e 2.231 metros.

De Feltre, pela histórica porta Castaldi, segui em carro até Farra, Sotto-Capitello, Villa Bertini, e Padavine, as duas ultimas povoações assentes sobre uma pequena planície, circumdada de altas serras: e dahi a pé, o a pelo leito pedregoso dos rios Bozza Grande e Bozza Piccola, ora subindo ingremes e passando toda a noite escutando barafolos e trechos escarpadas montanhas pelo valle Porcilla, onde im-

de operas que amadores e profissionaes de ambos portavam nos trabalhos e systematisação de torren tes, estavam n'lo executados.

Alli, perto, bem perto, corria a Fronteira com a Austria, o actual theatro da guerra, dessa cruel carnificina que mesmo de tão longe nos horroriza em extremo. E foi ahi que passei inolvidáveis dias, estudando praticamente numerosos problemas florestas, vivendo a vida simples das borlós camponezes, com elles percorrendo a pé dezenas de kilómetros pelo fraguedo alcantilado... E à noite, fatigado o corpo, repousava satisfeito em modestíssimos «alberghinhos».

De Feltre a Belluno, pelo mesmo valle do Piave, são apenas uns trinta kilómetros de estrada de ferro. A velha praça forte pouco oferece de interessante além do palacio no largo do Mercado e da porta de Feltre, e, entre as construções novas, destaca-se o Teatro Sociale. Deixando o meu quarto do Hotel Cappello, proseguir a viagem, que comprehende a esplendida ponte sobre a torrente Desedan, tendo paralela uma boa estrada de rodagem e o todo formando um quadro inesquecível; pouco adante o grande valle do Zoldo, a tranquila estação de Longarone, e finalmente, percorridos trinta e quatro quilómetros dominando extensa ponte e por seu turno dominada pelo pico La Cavallera, alcancei Perarolo, ultima estação da estrada de ferro, inaugurada poucos dias antes e que muitos serviços deve ter prestado desde o começo das hostilidades, pois trata-se de uma verdadeira estrada estratégica.

Última estação de estrada de ferro! Como encanta deixar essas linhas de aço e os trens que sobre elles circulam e não ouvir mais a tosse convulsa das locomotivas que os arrastam para o alto das serranias! Quando se deixa o trem e toma um automóvel ou um carro para ir a determinado ponto acessível por estrada de ferro, tem-se uma sensação mui diferente da que se recebe ao deixar o mesmo trem para ir a pontos que ella não atingiu ainda ou que não atingirá nunca. Parece que se



atravessa uma linha divisoria de um lado o progresso, a civilização e o espírito preso às necessidades quotidianas da vida; do outro, a calma, o ócio das coisas terrenas, o silêncio apenas interrompido pela música constante das águas que, e que brada em quebra-la, se despenham de bem alto, em bellissimos leques ou em alvissimis tochas, puro cendo fervor como certos precipitados chismos, e depois vão, tranquillas, ora serpenteando por entre as rochas vivas, ora deslizando brandamente por sobre os minúsculos grãos de areia que constituem o leito das torrentes alpinas nos "assentados". Então o bem dito e claro sol dá à água e dá à areia as mais indescriptíveis combinações de cores: dá-lhes os mais bizarros marchetamentos e as mais brilhantes refrações da luz; dá às gotas de orvalho, irisações fantásticas e dá aos fragmentos de quartzo as reverberações das pedras preciosas quando infinitamente fletidas.

E o omnibus-automóvel, vencendo, em poucas horas algumas centenas de metros de altitude, por uma optima estrada que se desenvolve em violentos zig-zags, chega a Tai de Pieve e dahi a pouco Pieve di Cadore. Oh! mas Pieve, apesar de pequena, é a terra do grande Ticiano e o Cadore... o Cadore é um mundo de recordações...

Permita-se, entretanto, que a plumbéa graphite de um lapis mal aparado ouse dar conta das impressões que recebi ao contemplar a terra e a casa de Tiziano Cezelli e o Monte Pelmo constituem um triplice conjunto do qual nenhum dos componentes pode ser recordado sem que essa recordação se estenda aos outros dois.

Pieve di Cadore não mostra que, em qualquer época, houvesse tido maior prosperidade do que actualmente; e ainda hoje não passa de uma insignificante villa de uns tres mil habitantes. Quando Tiziano ali nasceu, em 1477, devia ser uma modestíssima aldeola, esquecida à margem do mesmo nome que se para os Alpes Zoldanos e os Alpes Cadorinos ou sómente lembrada para fins militares, para a devastação e para a morte, como o foi n' «A batalha de Cadore» reproduzida pelo artista no quadro que se perdeu por occasião do incendio do palácio dos Doges, em Veneza, e do qual vi em Florença uma primorosa miniatura; como o foi, depois em 1796, quando os franceses ali derrotaram os austriacos; como o foi, finalmente, há pouco, quando, em violento combate á arma branca, italianos e austriacos se disputaram a posse de Pieve e a do vizinho monte Antelao.

Tiziano, o maior colorista que o mundo tem produzido, foi também um artista fecundíssimo: da extensão de sua obra pode fazer-se idéa, se despre-

sarmos um mero resumo que não chega a assentir, considerarmos que só as copias existentes de seis quadros alcançam a nove e tal! Primeiro pintor da República, por consagração ao Senado respectivo, verificou o de escala veneziana, trabalhador infatigável que aos oitenta anos de idade pintava ainda com uma tal frescura de imaginação como si fosse um menino! Muito jovem pintou o "Ecce homo", que se vê na Scuola di San Rocco, em Veneza, e aos 99 anos, quando morreu de peste nessa cidade, estava concluído "Pílio", quadro extremamente patético que se acha alli na Academia. De modo que, apesar de ter quasi sempre trabalhado para o estrangeiro, por coincidência feliz para os Venezianos, uma de suas primeiras produções e a ultima delas, estão na outrora capital da República e elle mesmo, tendo viajado tanto morreu em terra patria, fechando enfim o círculo da vida no saudoso ponto de partida!

Monte Pelmo é a montanha imponentíssima das imediações do lar paterno e dos pontos culminantes da Itália e da Europa, sendo ao mesmo tempo talvez a única na forma, naquelle continente, pois parece uma miniatura do Aconcagua, na cordilheira dos Andes: os morros circunjacentes têm a mesma apparencia, como que talhados em diagonal; e o Pelmo, que os domina a 3.169 metros de altitude, é chanfrado como o notável vulcão andino. Quem tenha pousado os olhos sobre esse trecho dos Alpes Cadorinos, onde as elevações variam de 2.500 a 3.000 metros e estão perpetuamente revestidas de neve e especialmente se se houver fixado sobre a linha extrema da vegetação, abruptamente interrompida ao longo da serrania é numa altitude mais ou menos uniforme, jamais poderá esquecer-o e bem comprehenderá a razão por que Tiziano o preferia para fundo das suas telas — das suas inimitadas e inimitáveis telas, telas tão valiosas que algumas valem milhões.

No ponto mais alto da villa, a 911 metros sobre o mar, na praça Tiziano, em frente do Hotel Progresso e perto da casa em que viveu o grande artista, está a sua estatua, representando-o de pé, com os trajes da época e segurando a palheta em que elle tão divinamente fazia as suas maravilhosas combinações de cores de nuances.

(Continúa)

M. Pio Corrêa

**Marcella** -- O mais importante film do ano. Impeccavel triunfo.



## Os dias que passam...

os dias têm passado com tristeza. Alguém d'elles já lisse que chamam lagrimas ao coração.

Assim é. Dias de sombra, sosinhos de luz, da muita luz do Sol.

*Elle*, no entanto, sente-se bem nos dias que a Natureza se neurastheniza e enche a gente de tédio. Na ampla poltrona do seu gabinete de estudo, o havendo reiques de palmeiras da chacira fronteiriça, deixase ficar sonhando, vivendo sonhos onde entram o aniquilamento absoluto, a vaporosidade do virvana, a docura do Não-sentir.

Encontramo-lo assim, a olhar, sonhando... "Sou no fundo um triste. Ei tudo. A alegria do Sol, esse riso escancarado que elle nos atira do alto, incendiando tudo de luz, entontece-me, irrita-me até. Amo os dias de sombra a estourar de spleen."

Leio Scott nos dias de luz, imaginando-me perdido nos nevoeiros da Escócia... Doença? Sim. Somos todos uns doentes. Eu sou um doente do Sol, não o quero, não o tolero até..."

La fôra em sol vadio, estremunhava, e parecia morrer asphyxiado nos nevoeiros... *Eldo*

## Instantaneos a martello



Eu ja sei! Todos conhecem  
o Christa, bom boticario;  
velho amigo inseparavel,  
d'um archaico formulario.

Quer chova, quer o sol brilhe,  
lá, para as bandas da praça,  
o Christa sempre de frack,  
o ostenta, com garbo e graça.

Anda alegre e prazenteiro,  
desde que o dia amanhêce,  
poucas vezes perde a calma,  
quando a venda lhe decresce....

*Moreno*

## Um pouco de tudo

O general Castaños, vencedor dos franezes em Bailen, apresentou-se, um dia, em pleno inverno, no Paço de calça branca, de linho.

— Estás louco? — disse-lhe o rei.

— Porquê senhor?

— De calça branca, no mez de Dezembro!

— Dezembro! Pois estamos em Dezembro?... exclamou o general, com fingida surpresa. Nesse caso, queira V. M. perdoar; mas julguei que estávamos em pleno verão... Acabo, agora mesmo, de receber o soldo do mez de Julho!...

Fernando VII não teve remedio senão compreender a reclamação indirecta e fez com que lhe pagasse os soldos em atraso.

## Círculo Italiano

Inaugurou-se hontem em uma das salas da Fratelanza Italiana, o Círculo Italiano recentemente fundado nesta Capital.

A festa inaugural dividio-se em duas partes. A primeira constou de uma conferencia do distinto medico Dr. Aurelio Rotolo, sobre «A invasão pacifica alema na Italia» e a segunda de declamações de poesias italianas.

Agradecendo a gentileza do convite com que fomos distinguidos, daremos no proximo numero noticia detalhada dessa festa.